

A construção da imagem do ameríndio brasileiro.

Fábio Pestana Ramos

Muito já foi discutido sobre os primórdios da colonização de nosso país: os quinhentos anos do descobrimento suscitou a curiosidade alheia, mas o foco de atenção sobre os verdadeiros donos da terra diluiu-se rapidamente.

Continuamos tratando nossos índios como crianças de temperamento dócil ou, ao contrário, como brutais animais dispersos pelas áreas isoladas do centro-norte que não merecem as riquezas do Brasil. Por que identificamos os ameríndios como inimigos da civilização e do progresso?

Somos herdeiros de um contexto de construção de uma imagem que serviu aos propósitos dos colonizadores portugueses, facilitando a penetração dos invasores e a expropriação da terra, em grande parte responsável pelo sucesso do estabelecimento lusitano naquela que foi sua mais próspera possessão até 1822, quando ficamos independentes.

É verdade que o estereótipo do índio dócil, mais do que uma imagem formada por jesuítas defensores dos gentis, deve tributo em grande parte a Rousseau. Em seu *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, obra publicada na França em 1755, ele idealizou a imagem de um selvagem forte e corajoso, com características animais.

Entretanto, o selvagem de Rousseau é um ser genérico e não-determinado, um exemplo que seria popularizado definitivamente pelos autores românticos do século XIX, tal como José de Alencar, cuja obra *O Guarani*, publicada em 1857, é a expressão máxima do selvagem re-descoberto pelo filósofo.

Rousseau apenas usou uma imagem desenvolvida ao longo de gerações. Perpetuou um mito forjado desde o século XVI. A imagem quinhentista do índio foi construída e pensada como estratégia de conquista, culminando em uma complexa articulação de imagens conhecidas sobrepostas às novidades que iam se apresentando.

Os europeus que desbravaram os mares identificaram os nativos da América como *maus selvagens*, fato comprovado pela iconografia da época. Apesar de alguns terem enxergado nos índios o elo perdido entre o homem civilizado e a natureza, a imensa maioria associou os ameríndios com personagens pertencentes ao imaginário europeu.

Os silvícolas foram concebidos como demoníacos, por isso, dentro da ótica quinhentista, nada mais natural do que representá-los ao lado de satã, o que estenderia o ideal de cruzada contra os inimigos de cristo para o Brasil.

A imagem do ameríndio, estereotipado e representado pelo canibal, caminharia para uma idealização heróica no crepúsculo do romantismo, mas não sem antes corresponder ao canibal comedor, tido como um predador sem consciência e sem ideal, que, em caso de fome extrema, voltava seu apetite contra seus semelhantes.

Neste sentido, a própria invenção da palavra canibal denota perfeitamente a imagem negativa fixada nos primeiros contatos. Colombo cunhou o termo a partir do original *caniba*, pertencente à língua arawak, derivado, por sua vez, de *cariba*. A palavra era usada pelos nativos de Cuba como sinônimo de inimigo, significando *ousado* e denotando ferocidade e barbárie.

Mais que inimigos, Colombo enxergou nos silvícolas um equivalente exato de homens com cabeça de cachorro, a exemplo dos exóticos espécimes míticos descritos no catálogo de raças monstruosas de Isidoro. Escolheu o termo pensando na associação dos canibais com filhos do cão. Na confusa cabeça de Colombo, o qual morreu achando ter chegado à Índia ao invés de ter esbarrado em um continente inexplorado, isso era confirmado pelos nativos pertencerem ao senhorio do Grão-Cã.

No que diz respeito ao mundo lusitano, é interessante notar que, quando os portugueses chegaram ao Brasil, estava enraizado no imaginário europeu, principalmente em Portugal, a crença em feitiçaria, bruxaria e outras diversas e singulares manifestações das práticas mágicas, imprimindo e pautando condutas e crenças.

Enquanto em terra, no velho continente, o universo mental era repleto de seres míticos, os quais eram associados e identificados pela igreja com o inimigo, no mar, onde a imaginação ganhava asas e alçava vôos mais longos, a maior parte das desgraças ou dos fenômenos da natureza ainda desconhecidos era atribuída ao demônio.

Em 1554, por exemplo, diante de um maremoto que conduziu a embarcação ao seu naufrágio, os tripulantes da nau São Bento, depois de avistarem pela banda de estibordo uma onda, que de muito longe vinha levantada por cima das outras em demasiada altura, identificaram diante dela uma grande folia de vultos negros, que não podiam ser senão diabos.

Teria sido este episódio, como inúmeros outros, fruto de uma alucinação coletiva motivada pelo desespero do momento, ou será que todos a bordo enxergaram

aquilo que queriam ver, isto, é claro, de acordo com a crença amplamente enraizada no imaginário popular da época? Neste caso específico, parece que a segunda alternativa é mais plausível.

Os homens de quinhentos, não encontrando explicação para aquilo que o seu referencial cultural lhes permitia compreender, adequavam o objeto observado ao que mais se aproximasse do que eles conheciam, mesmo que fruto de uma construção mental a partir do imaginário e a despeito do realismo português, como é o caso, por exemplo, da bruxaria.

Exatamente esses homens, mergulhados nesse universo mental, chegaram ao Brasil no início do século XVI, encontraram na América todo um mundo realmente novo e diverso do referencial cultural até então conhecido. Para além da exótica flora e fauna, os portugueses terminaram esbarrando com um povo cujo cotidiano, o modo de lidar com o próprio corpo e com a religiosidade eram totalmente diferentes do europeu.

Diante da incompreensão do outro, a primeira atitude foi a readequação do observado segundo os parâmetros da cultura européia. O ultramar atlântico provoca vertigens no europeu, impelindo-o a buscar referências em contextos tranquilizadores.

A partir de uma realidade nova, mitos antigos foram recuperados para ajudar a compreender os enigmas do mundo, transformando-se em instrumento de conhecimento dentro de um horizonte de significações, diluindo o realismo lusitano tão característico da cultura marítima.

As crenças folclóricas foram empurradas para a América, os mesmos seres míticos que povoavam o universo mental popular europeu passaram a ser retratados na literatura e na iconografia acerca do Novo Mundo.

Em se tratando da iconografia, a família De Bry, por exemplo, retratou o que o capitão inglês John Smith, em suas andanças pela América, chamou de fada marinha como um ser mítico no molde greco-romano. O que era apenas um animal desconhecido pelos europeus tornou-se, no imaginário, uma sereia.

Os marinheiros que chegaram ao Brasil, mais do que o mítico, trouxeram consigo o demônio para a América. Saído do mar, o maléfico atravessou o Atlântico para se alojar no Novo Mundo, a despeito de curiosamente ter sido excluído de qualquer participação sobre os desastres que ocorreram no Oriente.

A própria cosmologia indígena contribuiu para a transposição do demônio para o contexto silvícola. Colocados diante das crenças ameríndias, os portugueses terminaram se apropriando delas, adaptando tudo à dicotomia cristã bom/mau, Deus/diabo. A

incompreensão da fauna e da flora, assim como do outro, transportou o diabo do reino para o Brasil, identificando os nativos com inimigos civilizacionáveis e conduzindo a sua diabolização.

Na terra de Santa Cruz, os lusos encontraram homens e mulheres que viviam nus e que praticavam a poligamia, instigando a reprimida sexualidade cristã, e, o pior, consumiam carne humana em rituais sagrados. Na Europa, as bruxas eram tidas como participantes de missas negras e *Sabbats*, onde nuas mantinham relações sexuais com o demônio, servindo-se igualmente da carne dos semelhantes.

Os costumes indígenas não puderam deixar de ser associados a ritos demoníacos pelos portugueses que, em pleno ano de 1559, na própria capital lusitana, queimaram cinco bruxas, o que jamais ocorreu em terras espanholas, onde se costuma afirmar que a ação da Inquisição foi mais intensa, apesar de aplicada à heresia judaica.

O *Malleus Maleficarum*, escrito pelos beneditinos Heinrich Kramer e James Sprenger, publicado com o aval de uma bula do Papa Inocêncio VIII, datada em 8 de dezembro de 1484, manual amplamente utilizado pelos inquisidores nos mais diversos países, afirmava, embora obviamente tudo não passasse de uma construção a partir do imaginário, que entre os pagãos os espíritos do mal agiam como se tivessem um certo domínio legítimo.

Ora, para os portugueses de quinhentos, os índios nada mais eram do que pagãos, de modo que a influência do demônio sobre eles deveria ser, portanto, se não total, ao menos grande.

Os textos da época chamavam os índios de gentios, este termo que originalmente indicava todas as nações que não eram da raça hebréia; do latim *gens*, para os cristãos designava todos os povos não convertidos ao cristianismo, ou seja, os pagãos.

Sendo assim, colocados diante de um mundo totalmente novo, os europeus associaram os ameríndios aos gentios descritos na Bíblia como tendo sido convertidos por Paulo. Segundo a ótica européia, os ameríndios não eram pagãos unicamente por não serem cristãos, ou mesmo mouros ou judeus mas também por não poderem ser considerados infiéis ou hereges já que desconheciam a existência do cristianismo.

O Brasil foi eleito como purgatório lusitano, imagem construída no imaginário a partir de uma sobreposição. Enquanto alguns enxergaram nos índios indivíduos remanescentes do paraíso, outros, impregnados pela mentalidade da época, mesmo sem nunca terem visto um único índio, identificaram homens demoníacos.

Todavia, associar o ameríndio ao gentio era necessário a fim de torná-lo digno de conversão; não obstante, ligá-lo ao demônio era um estímulo essencial ao esforço de catequese. Padres e funcionários da Coroa trataram de fornecer descrições carregadas de dramaticidade.

Imbuído desse espírito, o padre Juan de Azpilcueta Navarro, escrevendo de Porto Seguro aos seus irmãos de fé em Coimbra, em 1555, afirmou que os índios andavam pintados com tintas e enfeitados de plumas de diversas cores, bailando e fazendo muitos gestos, torcendo as bocas e fazendo ruídos semelhantes aos produzidos por cães.

A imagem do ameríndio foi sendo diabolizada, associada aos desígnios do inferno. Simultaneamente, apesar de os índios serem tachados como estranhos, não eram maus por natureza, eram apenas crianças ingênuas facilmente enganadas pelo demônio. Não eram propriamente servidores do maléfico, eram iludidos por satã por desconhecerem a verdadeira fé.

Mas a mesma construção que havia conduzido a este raciocínio dificultava a aceitação do silvícola no seio da cristandade. A semelhança entre os ritos antropofágicos e as cerimônias de bruxaria, dividindo opiniões, criaram imagens opostas.

A clássica cena imortalizada por Shakespeare em *Macbeth*, onde três bruxas dançam nuas ao redor de um caldeirão, presente no imaginário europeu há gerações, era recorrente para todos que presenciavam ritos de canibalismo. Levavam a considerar os ameríndios como selvagens que deveriam ser expulsos do purgatório para o inferno, expropriados das terras produtivas.

Alguns procuraram minimizar o impacto para resgatar os índios como mão de obra, deslocando a culpa dos pecados para as mulheres, algo que funcionou parcialmente, a despeito da fuga em massa dos silvícolas para o interior, em busca da lendária terra sem mal, ter inviabilizado seu completo sucesso.

Diante da instigação do sexo através da nudez ingênua, as mulheres indígenas foram pintadas como instigadoras da prática do canibalismo. O que se explica pelo estereótipo feminino europeu, segundo o qual a mulher era a agente do mau ou de Satã, ao lado dos idólatras, muçulmanos e judeus.

Desde a Antigüidade, o homem nunca fora capaz de entender porque a mulher sangrava e não morria. Os gregos, por exemplo, não conseguiam entender que Ser era aquele que enfeitiçava o coração, daí o verdadeiro amor só ser possível entre iguais. O

que terminou por aflorar na formação do estereótipo feminino da portadora do mau, pois a mulher que sangrava e não morria, que enfeitiçava e manipulava o desejo dos homens, só poderia trazer consigo o mau, o desejo passional e a tragédia.

O cristianismo reforçou esse estereótipo, uma vez que o pecado da carne tinha como origem a queda do paraíso. A mulher era a representação máxima de uma sexualidade que se queria suprimir e, sendo a sexualidade coisa do demônio, a ligação entre a mulher e o demônio foi inevitável, daí já os primeiros cristãos possuem traços antifeministas solidamente fundamentados.

Para Tertuliano, a mulher era a origem da perdição, a porta do diabo, enquanto para Santo Ambrósio e São Gerônimo a Virgem Maria deveria ser exaltada em oposição ao casamento e à sexualidade. Mais tarde, Santo Agostinho definiu a mulher como um Ser dotado de uma alma espiritual pura opostamente ao obstáculo representado por seu corpo, razão por que era um Ser inferior em relação ao homem. Essa imagem foi reforçada por São Tomás de Aquino, para quem a mulher seria imperfeita e debilitada por sua feminilidade.

Tendo em vista a contraditória postura masculina frente à mulher numa oscilação entre a atração e a repulsão, entre a admiração e a hostilidade, nada mais natural que converter as ameríndias em culpadas pela ligação dos silvícolas com ritos demoníacos, apesar da suposta ingenuidade dos gentios.

As mulheres nativas, a andarem nuas, com seus corpos esbeltos, despertando o desejo dos clérigos, adequavam-se perfeitamente ao estereótipo da bruxa, enquadrando o canibalismo feminino dentro da imagem da feiticeira encantadora, ou seja, daquela que utilizava sua ligação com o demônio para seduzir os homens.

Mas se era assim, o que explica o fato das indígenas não terem sido tratadas como hereges, ou seja, não terem sido processadas pela inquisição e queimadas na fogueira? A resposta está no *Maleus Maleficarum*.

Segundo o manual inquisitorial, só poderia ser considerado herege aquele que, batizado, traísse sua fé, visto que a infidelidade por parte de uma pessoa batizada é tecnicamente denominada heresia. O índio, por não conhecer a fé cristã, não pecava, portanto, o consumo de carne humana, embora houvesse uma associação da antropofagia com a bruxaria, não podia ser punido, inviabilizando a purificação pelo fogo.

Destarte, a iconografia dá conta que, na América espanhola, índios foram queimados em fogueiras do mesmo modo que se martirizavam bruxas e hereges. Depois

que dois nativos assaltaram um contingente castelhano, Juan Ayola teria ordenado a execução dos mesmos na fogueira. Verossímil ou não, o fato é carregado de significação simbólica, pois, não sendo hereges, os ameríndios não deixaram de ser diabolizados pelo imaginário.

Os inúmeros espíritos silvícolas, malignos ou não, quase todos ligados à natureza, passaram a ser identificados com os demônios europeus, uma vez que esses espíritos tinham fama de devoradores de defuntos e de praticantes de ações maléficas. Habitando as aldeias abandonadas, vagavam por lugares recônditos, prontos para atacar os índios ou prejudicá-los em suas incursões guerreiras, na faina diária ou, ainda, obstruir a ação da chuva e do sol.

Nesse sentido, a natureza constituiu um obstáculo à conversão dos indígenas, ao menos diante do prisma cristão. Não obstante ao componente representado pela ingenuidade, os ameríndios foram diabolizados pelos lusos e pintados como capazes de terríveis crueldades.

O mesmo processo observado no início do cristianismo foi colocado em marcha no Brasil. Na Antigüidade, os cristãos haviam sido acusados de orgias, infanticídio e canibalismo, elementos integrados mais tarde à demonologia cristã e aplicados aos mesmos pagãos gregos e romanos que haviam acusado os cristãos.

Enquanto os atos praticados pelos nativos adultos foram exagerados e associados à influência do demônio, as crianças passaram a representar a esperança de conversão e purificação. Essa nova concepção permitiu que adultos associados a crianças pudessem ser resgatados, ao passo que os nativos fiéis ao princípio de comunhão com a natureza deveriam ser expulsos para os confins da terra.

O caráter cruel dos ritos antropofágicos foram exagerados pela visão européia, ou, por assim dizer, pela incompreensão do referencial do outro. Prática comum na Europa, a demonização do adversário político foi largamente aplicada para facilitar a penetração lusitana e a conversão forçada dos silvícolas.

Os ameríndios chegaram até mesmo a ser associados aos mouros, inimigos mortais dos lusos. A incompreensão diante de referenciais inéditos, bem como o desejo de submeter o outro, foi responsável pela identificação dos índios brasileiros, diante do prisma português, com os dois grandes inimigos de Portugal à época, o demônio e os mouros.

Essa confusa amálgama de sentimentos confluiu para gerar relatos sobre fatos verídicos que se fundiram com a mais pura invenção, originando a imagem de um ameríndio açougueiro e sanguinário e, ao mesmo tempo, ingênuo.

Devemos ter em mente que a penetração portuguesa no Brasil só foi possível graças à construção de uma imagem diabolizada dos nativos, terminando por servir como justificativa para o extermínio, muito embora uma certa integração entre índios e portugueses tenha ocorrido, sobretudo movida pela suposta ingenuidade nativa, e, como sempre acontece na história humana, os vencedores tenham incorporado vários hábitos dos vencidos.

Em se tratando do simbolismo perpetuado no imaginário acerca de nossos índios, não podemos esquecer que a herança mental influenciadora de nossa opinião está mergulhada nessa construção. Sabendo disso, devemos tentar olhar o outro desprovidos de juízo de valor para tentar entender a nós mesmos e à formação de nossa cultura. Quem sabe assim, possamos focar nossa atenção sobre as questões que realmente são importantes.

SUGESTÕES DE LEITURA

ANDRÄ, Helmut & FALCÃO, Edgar de Cerqueira (org.). **Americae Praeterita Eventa**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1965.

Embora seja dificilmente encontrada, dado sua tiragem limitada à época, constituindo hoje obra rara de grande valor, reproduz uma coletânea de calcogravuras dos séculos XVI e XVII. Os interessados em conhecer as imagens que circularam pela Europa, forjando opiniões sobre a natureza animalesca e ingênuo dos ameríndios, bem como a ligação dos nativos com o demônio, não podem deixar de folhear o livro.

BAROJA, Julio Caro. Arquetipos y modelos en relación com la historia de la brujeria.

BAROJA, Julio Caro. **Vidas mágicas e inquisición**. Madrid: 1967.

As obras de Baroja são recomendadas para aprofundar o conhecimento sobre o fenômeno mental representado pela caça às bruxas na Europa, depois transposto para o Brasil.

CARDINI, Franco. **Magia, brujeria y superstición en el occidente medieval**. Madrid: Ediciones Peninsula, 1982.

COHN, Norman. **Europe's inner demons**. London: 1975.

A leitura dos dois autores fornece um panorama vibrante da diabolização do inimigo como estratégia de destruição do adversário.

DELUMEAU, Jean. **O medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. Tradução de Maria Lucia Machado, São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

A obra fornece parâmetros para o entendimento do processo de diabolização da mulher levada a termo na Europa.

FERRONHA, António Luís (coordenador). **O confronto do olhar: o encontro dos povos na época das navegações portuguesas - séculos XV e XVI**. Lisboa: Caminho, 1991.

O choque cultural revelado do encontro entre povos na época dos descobrimentos pode ser melhor compreendido através da obra coordenada por Ferronha. Casos curiosos são descritos, exemplificando as dificuldades colocadas diante daqueles que tiveram que lidar com referenciais inéditos a partir daquilo que conheciam, suscitando sobreposições responsáveis pela formação de mentalidades.

LESTRINGANT, Frank. **O canibal: grandeza e decadência**. Tradução de Mary Del Priore, Brasília: Universidade de Brasília, 1997.

A obra francesa fornece uma visão apurada sobre a imagem do canibal formada dentro do panorama mental europeu.

RAMOS, Fábio Pestana. "O Brasil entre a fronteira do real e do imaginário: o confronto cultural e militar entre índios e portugueses" In: **Estudos Ibero-americanos**, v.1. Porto Alegre: PUC/RS, 2000, pp.139-147.

A leitura do artigo é recomendada para facilitar o entendimento do papel do Brasil como elemento de purificação dos pecados e sua posição como purgatório, depois de oscilações mentais como paraíso e inferno.

SOUZA, Laura de Mello e. **Inferno Atlântico: demonologia e colonização - séculos XVI-XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

As obras fornecem valiosa contribuição para o entendimento da transposição do diabo europeu para o contexto colonial.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

A obra foi pioneira em tentar analisar a história pelo prisma dos vencidos, sua leitura é recomendada para aqueles que possuem interesse em conhecer a aplicação da semiótica às imagens iconográficas como forma de convertê-las em fontes para a reconstituição do passado.

FONTES

ANTT. (ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO. Lisboa). **Manuscritos do Brasil, livro 45**.

ANTT. **Manuscritos do Brasil, livro 49**.

BRITO, Bernardo Gomes de (compilação). **História Trágico-Marítima** (fac-símile da edição original de 1735/36). Lisboa: Afrodite, 1971.

CARDIM, Fernão. **Tratado da Terra e gente do Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria J. Leite, 1925.

“Carta de Pero Vaz de Caminha à D. Manuel, 1º. de março de 1500” In: CINTRA, Assis (org. e compilação). **Nossa primeira história**. São Paulo: Melhoramentos, 1921.

COLOMBO, Cristóvão. **Diários da descoberta da América: as quatro viagens e o testamento**. Tradução do espanhol de Milton Persson, Porto Alegre: L&PM, 1984.

GANDAVO, Pero de Magalhães. **História da Provincia de Santa Cruz**. Lisboa: Typographia de Antonio Gonçalves, 1576.

GASPAR, Manuel. **Libro Universal de derrotas alturas, longetudes, e conheçenças**. Manuscrito datado em 1594, Códice 1507 da Biblioteca Nacional de Lisboa.

KRAMER, Heinrich & SPRENGER, James. **O martelo das feiticeiras (Malleus Maleficarum)**. Tradução de Paulo Fróes, Rio de Janeiro: Record, 1991.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SERAFIM LEITE (org. e compilação). **Cartas dos primeiros Jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo, 1954.

SHAKESPEARE, William. **Macbeth**. New York: Grosset Dunlap, 1909.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.